

**FRANCA, CIDADE DE 15 MINUTOS**

O urbanista franco-colombiano Carlos Moreno publicou um livro com o título “A cidade de 15 minutos”, onde discute um modelo de planejamento urbano que defende que moradia, trabalho e serviços essenciais devem estar a uma curta caminhada ou pedalada. O conceito busca melhorar a qualidade de vida das pessoas e diminuir a poluição ao reduzir o uso de carros. A ideia central é que tudo que precisamos para viver esteja a 15 minutos de distância, como a padaria, loja, escola, trabalho. Fazendo tudo a pé, teremos mais tempo para viver, mais saúde, reduziremos a necessidade de combustíveis fósseis e energia, dentre outros aspectos.

Suas propostas tiveram destaque após as eleições de 2014 em Paris, quando a candidata a prefeita (eleita) Anne Hidalgo passou a implementar essas ideias em sua gestão da capital dos franceses. Certamente trata-se, no geral, de uma ideia utópica ou talvez até mesmo ingênua para lidar com as cidades capitalistas do nosso tempo com a exacerbada ganância de suas elites econômicas, a financeirização da moradia e o desmedido poder do setor imobiliário predatório, mas utopias servem para isso mesmo, iluminar um caminho a percorrer, não importa que o ponto de chegada está sempre distante.

O sucesso da prefeita parisiense é uma medida de que suas ideias são possíveis de implementar. Durante os 12 anos em que comandou a capital francesa, Anne Hidalgo plantou 130 mil árvores, removeu dezenas de milhares de vagas de estacionamento de automóveis particulares, construiu ciclovias, transformou as margens do rio Sena em áreas para pedestres e elegeu um aliado para sucedê-la. Sua prioridade foi preparar Paris para o enfrentamento da crise climática.

Como Franca e França tem apenas uma cedilha de diferença (sobre a diferença entre seus prefeitos dispensarei comentários), passei a lembrar que, por incrível que possa parecer, essa ideia da cidade de 15 minutos já foi testada com sucesso em Franca antes mesmo de ser estruturada como uma teoria urbanística. É a cidade da minha infância e adolescência. Fazíamos tudo a pé e nada era longe: escola, igreja, cinema, clube, campo de futebol, mercado, feira, padaria, casa dos avós, tios, primos, amigos. Quase não havia carros, bicicletas sim.

A cidade daquela época era pequena, em 1950 tinha 53 mil habitantes, boa parte no campo, em 1960 cresceu para 68 mil (27,2% de crescimento em relação a 50) e acelerou brutalmente, chegou a 93 mil em 1970 (37,6% a mais) e 149 mil em 1980, um crescimento recorde de 59,1% em sua população em relação à década anterior. Depois disso, a curva de crescimento foi reduzindo, as duas últimas décadas viram o ritmo de crescimento anual diminuir muito, seguindo a tendência nacional de queda nas taxas de fecundidade e transição demográfica, estabilizando o ganho populacional em cerca de 10% por década, atingindo 352 mil habitantes no Censo de 2022, com 99% da população vivendo na zona urbana.

Nos anos 1960, da minha casa na Rua Júlio Cardoso era uma caminhada de 500 metros até a Igreja Matriz na Praça Nossa Senhora da Conceição onde fiz o catecismo, acompanhar a missa dominical ou para encontrar colegas. Até o Cine Odeon eram só 290 metros, onde assistia aos seriados, comédias e filmes do velho oeste americano nas matinês de domingo, e 300 metros até o empório do Rachid Salomão na Rua Major Claudiano pra buscar algum mantimento que minha mãe pedia e marcava na caderneta. Para ser atendido com algum serviço médico, eram apenas 67 metros até a Santa Casa das freiras, então o único hospital da cidade. Para estudar eram apenas 750 metros até a escola pública, o Instituto Estadual de Educação Torquato Caleiro. Para ir ao Clube dos Bagres ver os jogos de basquete eram 13 minutos de caminhada, um quilômetro de distância (a volta era difícil, das margens do córrego dos Bagres ao centro é uma bela subida de tirar o fôlego). Para frequentar as casas dos meus melhores e inseparáveis amigos daqueles tempos, a do Marinho Lamberti na Homero Alves, era 1,2 km de distância e do Pedro Tacca era quase igual, 1,1 km.

Já a casa de meus avós italianos na Rua Ângelo Pedro ficava a 900 metros de casa, pertinho das casas que tinham primos pra brincar, a do tio Écio Volpe e a da tia Julieta Zorzo, na Saldanha Marinho e na Floriano Peixoto respectivamente no bairro do Cubatão, como a casa da tia Geralda que ficava a 1 km, ao lado do cemitério da Saudade. Para buscar queijo na loja do pai da Tânia Figueiredo ou carne a pedido de minha mãe, eram 650 metros até o mercadão municipal, que ficava ao lado da estação rodoviária. Para buscar o pão doce “jacaré” ou pão quentinho na padaria do Gualter eram 900 metros até a Rua Thomaz Gonzaga. Para acompanhar minha mãe nas compras de tecidos e roupas só para ver o vendedor girar o pacote de panos com uma rapidez incrível e cortar o pano com uma pontaria incrível, era preciso andar apenas 350 m até as Casas Pernambucanas na esquina da Rua do Comércio com a Voluntários da Franca. Ao lado ficava o nosso barbeiro Roberto (onde íamos regularmente cortar as melenas) e também a agência do Banco Hipotecário e Agrícola onde meu pai trabalhava. De vez em quando, tínhamos que caminhar sob o sol inclemente em torno de 600 metros até o consultório do médico doutor Velasco (nosso pediatra) na Rua Estevão Bourroul. Nas tardes de domingo com jogos da Francana, era apenas um quilômetro de distância até o estádio Nhô Chico, em meio ao burburinho da torcida na Praça Carlos Pacheco. Um pouco mais distante, mas nem tanto, ficava o curtume do meu pai, no cruzamento das avenidas Ismael Alonso com Champagnat, 1,2 km, às margens do poluído córrego do Cubatão. No final da adolescência, eram 700 metros até a casa da Atalie no início da Avenida Presidente Vargas, a mesma distância de lá até o salão de baile do clube AEC na Rua Monsenhor Rosa, percorria ambas lépido e fagueiro sem cansar. Incrível, perguntei ao Google Maps e conferi, nenhuma dessas caminhadas demorava mais que quinze minutos. Longe era só a estação ferroviária.

Mauro Ferreira é arquiteto